Dia 14 — São Nicásio, Bispo e Mártir

Martirológio Romano

Os santos mártires Heron, Arsênio, Isidoro e Dióscoro, menino, em Alexandria; aos três primeiros, na perseguição de Décio, atormentou o juiz com vários suplícios; e vendo que não desfalecia sua constância, mandou queimá-los. Dióscoro foi açoitado de muitas maneiras; mas quis Deus que o deixassem livre para consolo dos fiéis.

O triunfo dos santos mártires Druso, Zósimo e Teodoro, em Antioquia.

O triunfo dos santos Justo e Abundâncio, no mesmo dia; os quais, no tempo do imperador Numeriano, por mandato do presidente Olíbrio, foram lançados numa fogueira e, saindo dela ilesos, os degolaram. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

A paixão dos santos Nicásio, bispo, Eutrópia, virgem, sua irmã, e seus companheiros mártires, em Reims; os quais morreram às mãos dos bárbaros inimigos da Igreja. (Veja-se a história deste martírio entre as de hoje.)

A gloriosa morte de Santo Espiridião, bispo, na ilha de Chipre: foi outro daqueles confessores a quem Galério Maximiano, tirado o olho direito e desjarretados os nervos do joelho esquerdo, condenou às minas; este Santo esteve dotado do espírito de profecia e do dom de milagres; e no concílio de Niceia convenceu um filósofo gentio que escarnecia da religião cristã e o converteu a Jesus Cristo. (Veja-se sua história entre as de hoje.)

São Viator, bispo e confessor, em Bérgamo.

São Pompeio, bispo, em Pavia.

Santo Agnelo, abade, em Nápoles, na Campânia, esclarecido com a graça dos milagres; viram-no muitas vezes com o estandarte da cruz libertar a cidade cercada dos exércitos inimigos.

São João da Cruz, confessor, em Úbeda, na Espanha, companheiro de Santa Teresa na reforma dos Carmelitas: sua festividade se celebra no dia 24 de novembro. (Veja-se sua vida naquele dia.)

São Matroniano, ermitão, em Milão. (Corresponde este Santo aos primeiros séculos da Igreja.)

São Nicásio, Bispo e Mártir

São Nicásio, reputado universalmente por uma das principais luzeiras da Igreja, de quem quis Deus servir-se para ilustrar as Gálias, floresceu nos infelizes tempos em que vários inimigos da religião de Jesus Cristo arrasavam a sangue e fogo os mais antigos e numerosos povos das províncias do Ocidente onde empreendeu sua barbárie. Ainda que não convêm os escritores das atas deste ilustre Mártir de Jesus Cristo no tempo fixo de sua promoção ao bispado de Reims, a opinião mais verossímil o sustenta no fim do século IV e princípio do V, quando os vândalos, os suevos e os alanos, depois de haver derrotado os francos, que guardavam os limites do Reno sob a dominação dos romanos, se lançaram cruelmente sobre as Gálias, tomaram e queimaram as cidades de Mogúncia, de Worms, Amiens, Arras e outros muitos povoados.

Nesta desgraçadíssima época, colocado na cátedra de Reims São Nicásio, brilhava como luminosa tocha sobre o candeeiro da Igreja pela justificação de sua conduta, pelo ardor de seu zelo e pelos muitos milagres com que Deus recomendava sua santidade, preparado de sua parte para tudo o que podia sobrevir daquelas implacáveis gentes. Havia prevenido seu povo com suas frequentes pregações, com suas paternais exortações e com salutares conselhos a que procurassem, por meio de sua conversão sincera a Deus e frutuosa penitência, evitar o castigo com que os ameaçava a divina justiça, justamente irritada por suas ofensas. Mas como havia naquela multidão de fiéis vários espíritos altivos e rebeldes que recusavam prestar ouvidos à esforçada voz de seu santo Pastor, penetrado este da mais viva dor por sua estranha resistência, tratou de pôr em movimento todos os arbítrios que lhe ditou sua pastoral vigilância e de valer-se de quantos meios discorreu oportunos para dar mais força a suas instruções. Gemia o Santo na presença de Deus e procurava aplacar sua justa cólera com rigorosas penitências: passava os dias e as noites em fervorosa oração, chorando as desordens de seu povo, e não poupava jejuns, mortificações nem vigílias para que o Senhor abrisse os olhos daquele cego rebanho, por cuja salvação estava pronto a sacrificar sua vida. Mas como soube, ou por revelação divina ou por umas prudentes conjeturas, que se aproximava o estrago de seu povo e que era inevitável sua ruína, mediante a precipitada marcha dos bárbaros para a Gália Bélgica, persuadiu seu rebanho da necessidade em que se achava de dispor-se a receber com toda humilhação e submissão à mão de Deus, e com espírito de verdadeira penitência, o açoite severíssimo com que o Senhor ia muito em breve vingar-se de seus delitos por ministério de seus inimigos.

Sucedeu assim com efeito segundo o profetizou o Santo; e quando os vândalos se apresentaram diante da cidade para formar o sítio, Nicásio, em lugar de aproveitar-se de uma fácil retirada, como lho aconselhavam, quis permanecer com a parte de seu rebanho que não podia fugir e com os que estavam destinados à defesa do povo, a fim de trabalhar ao menos na salvação das almas que não podiam livrar-se da morte, sempre disposto como bom pastor a resgatar a vida da menor ovelha ao preço da sua. Durante todo o tempo do sítio, que o vigor dos sitiados fez mais longo, o santo Bispo, exposto a todos os perigos como um simples soldado, não cessou de pregar a penitência e a perfeita submissão às disposições de Deus, exortando a todos a sofrer sem alteração nem

impaciência os efeitos da adorável providência que os tinha reduzidos àquela penosa situação, aproveitando-se das penalidades que padeciam para a expiação de suas culpas; e, enfim, a preferir generosamente a morte a uma vida que não podia conservar-se sem detrimento da religião cristã que professavam; fazendo-lhes a mesma exortação sua irmã Eutrópia, postas as mãos e os olhos no céu, excitando o povo, cheio de fervor, a que lograsse a coroa do martírio em ocasião tão oportuna pela defesa da fé.

Logo que a cidade se rendeu e que os bárbaros, irritados da valorosa resistência que se lhes havia feito, se negaram a toda compaixão, o santo Bispo saiu da igreja acompanhado de sua irmã e de algumas outras pessoas que se refugiaram com ele a implorar a misericórdia de Deus naquele conflito; e posto no átrio do templo, indicando com a mão silêncio às tropas, cheio daquele zelo santo e daquela generosa valentia que constitui o caráter dos varões apostólicos, falou-lhes nestes termos: Por que converteis em ira vossas vitórias contra as leis da humanidade, que ditam aos nobres triunfadores perdoar aos rendidos e só castigar os rebeldes? Olhai este povo cristão prostrado a vossa presença, esperando a remissão de seu delito. Cessai na desumanidade, arrependei-vos de vossas crueldades, reconhecei o verdadeiro Deus, que só vo-las permite para correção dos fiéis seus filhos: temei sua ira, não seja que se converta em dispêndio de vossa eterna condenação. Mas se não quereis perdoar a minhas ovelhas, oferecei-me a mim primeiro em sacrifício por elas à Majestade suprema.

Quando um discurso tão conciso como vigoroso parece que devia conter o furor dos invasores, como eles não tinham ideias de humanidade nem respeitavam o caráter das pessoas mais santas, lançaram-se cruelmente sobre o venerável Prelado e, depois de uma multidão de ultrajes, cortaram-lhe a cabeça, repetindo o Santo no tempo do sacrílego atentado aquelas expressões do real Profeta: *Vivifica-me, Senhor, segundo tua palavra.* Aparentaram os bárbaros querer perdoar a Santa Eutrópia, irmã de Nicásio, virgem consagrada a Deus neste estado; mas persuadindo-se a Santa de que a reservariam para violar sua honra e até a fé, fez-lhes entender num tom majestoso que ela estava resolvida a sacrificar sua vida para salvar quaisquer dos dois extremos; e irritados os bárbaros de seu ardimento, deram-lhe morte com a desumanidade de seu costume, fazendo-a participante, contra sua perversa intenção, do mesmo glorioso triunfo que seu santo irmão.

Não tardou o céu em tomar vingança do sacrílego atentado. Apenas o executaram, experimentaram os bárbaros uma derrota terrível por meio dos Anjos que enviou o Senhor para castigo de seu insolente atrevimento; e ouviram na igreja um som formidável e espantoso, do que, aterrados os invasores, fugiram com precipitação aos montes sem atrever-se depois a voltar à cidade; com cujo motivo os poucos cidadãos fugitivos que se ocultaram em diferentes partes, tendo observado a repetição de luzes celestiais, logo que entenderam a fuga dos inimigos concorreram ao povoado e deram sepultura aos veneráveis corpos de São Nicásio e Santa Eutrópia no cemitério da igreja de Santo Agrícola, onde Deus fez conhecer a santidade e a glória do santo Bispo por meio dos muitos prodígios que operou por sua intercessão. No século VIII ou IX, um bispo de Noyon, que o era também de Tournai, elevou uma porção considerável das relíquias de São Nicásio e colocou-as nas igrejas de ambas as cidades; e o resto foi transportado depois por Fulco, arcebispo de Reims, à igreja de Nossa Senhora. Mas, tendo-se pegado fogo à catedral de Tournai, um sacerdote salvou a relíquia do Santo e levou-a a Reims, onde, colocada com as demais, se lhe tributa o culto e veneração correspondente.

São Justo e Abundâncio, Mártires

Entre os muitos Mártires de Jesus Cristo que testificaram com seu sangue as infalíveis verdades de nossa santa fé na Espanha, vários escritores nacionais contam São Justo e Abundâncio, ambos dignos de memória eterna pelos gloriosos triunfos que conseguiram dos gentios. Sucedeu no império romano, por morte do imperador Probo, Marco Aurélio Caro, que tomou por companheiros no governo seus dois filhos Carino e Numeriano e, ainda que os dois primeiros foram algo favoráveis aos Cristãos, não assim Numeriano, que os perseguiu cruelíssimamente. Enviou este à Espanha, por governador da província da Bética ou Andaluzia, a Olíbrio, um dos mais cegos partidários das superstições pagãs; e querendo acreditá-lo assim, fez padecer nas cidades de seu departamento a muitos cristãos inocentes, não por outra causa que a de resistirem com heroica fortaleza a oferecer sacrifício aos ídolos. Soube este tirano que em Baeza se distinguia Justo entre os fiéis pelo zelo que manifestava na defesa da religião de Jesus Cristo; e como seus desejos não eram outros que os de castigar severamente semelhantes professores, fez que comparecesse a seu tribunal, no qual repreendeu seus procedimentos contra o mandado pelos príncipes do mundo. Sofreu Justo um dilatado interrogatório em ordem a sua religião; mas solicitando Olíbrio obrigá-lo a que prestasse adoração aos deuses romanos, fez-lhe entender que estava pronto a perder a vida uma e mil vezes, se possível fosse, antes que cometer a sacrílega impiedade a que queria precisá-lo. Ofendido o tirano de uma resposta que não lhe dava esperança de poder reduzi-lo, mandou atormentá-lo em certas rodas com que os gentios despedaçavam os corpos dos Mártires de Jesus Cristo. Manteve-se o ilustre Confessor em meio daquele bárbaro tormento com uma tranquilidade inalterável, cantando hinos de divinos louvores; e querendo o Senhor ostentar seu infinito poder para confusão dos pagãos, fez que se desfizesse aquela máquina horrível, ficando seu fidelíssimo servo sem o menor dano.

Parece que Olíbrio devia abrir os olhos à vista daquele extraordinário prodígio; mas crendo que perdia toda a sua reputação se não triunfava de um homem que desprezava seus deuses, mandou que o lançassem num forno aceso. Foram executadas suas ordens com a maior pontualidade; mas repetindo o Senhor a mesma maravilha que operou no forno de Babilônia com os três ilustres jovens Ananias, Azarias e Misael, lançados ao fogo por Nabucodonosor, conservou-se ileso entre as chamas, bendizendo a Deus com festivos cânticos.

Achava-se presente àquele espetáculo certo cristão chamado Abundâncio e, aceso em vivíssimos desejos de ser participante da ventura de Justo, começou a declamar contra os procedimentos do tirano em termos que, enfurecido Olíbrio como um bravo leão, o ameaçou com os mais ferozes tormentos se não sacrificava aos ídolos. Desprezou Abundâncio com generosidade a conminação e, revestido daquela fortaleza que é própria dos heróis do cristianismo, fez-lhe entender o enorme erro em que viviam os gentios, oferecendo seus sacrifícios aos demônios sob o véu de quiméricas deidades representadas em umas vãs estátuas, manifestando-lhe ao mesmo tempo a razão e a justiça que havia para que todos os homens tributassem seus cultos ao Deus verdadeiro, Criador do céu e da terra. Não pôde Olíbrio conter a indignação dentro do peito ao ouvir as expressões de Abundâncio e, aceso numa raivosa cólera, mandou que o lançassem ao forno onde estava Justo. Executou-se assim sem a menor dilação; mas como Deus queria manifestar aos pagãos o cuidado especial que tinha de seus ilustres Confessores, dispôs que o incêndio não tocasse nem sequer

suas vestes.

Por último, esgotado todo o sofrimento de Olíbrio, vendo que com tantas maravilhas se confirmava mais e mais a verdade da religião de Jesus Cristo, ao passo que se desacreditava o nenhum poder de suas mentidas deidades, sentenciou-os à degola. Levaram os pagãos Justo e Abundâncio ao lugar do suplício e, apresentando ambos com igual valor e com igual alegria os pescoços ao verdugo, lograram a desejada coroa do martírio no dia 14 de dezembro pelos anos 283. Não se esqueceu a Igreja da Espanha do glorioso triunfo dos dois ilustres Mártires, cuja memória se celebrou no tempo dos godos, como se acredita pelo ofício e elegante hino que consta no Breviário Moçárabe segundo a ordem do Padre Santo Isidoro.

Santo Espiridião, Bispo

Santo Espiridião, um dos mais ilustres Confessores de Jesus Cristo, célebre em toda a Igreja por sua santidade e por seus milagres, nasceu na ilha de Chipre em meados do terceiro século. Sua família era cristã e se distinguia pela hospitalidade que exercitava com os servos de Deus. Nosso Santo passou seus primeiros anos no monte guardando o gado de seu pai, e esta solidão não serviu pouco para criá-lo e arraigá-lo na inocência. O Senhor, que gosta de derramar abundantemente suas graças nas almas puras, deu-lhe desde menino um gosto particular à virtude. Espiridião gostava de Deus; a solidão tinha muitos atrativos para ele; e teria passado sua vida neste inocente e humilde retiro, se seus pais não o houvessem obrigado a casar-se. Ainda que tinha repugnância em abraçar este estado, obedeceu, resolvido sempre a viver uma vida pura e cristã no matrimônio. Este novo estado não desconcertou a regularidade de seus costumes nem sua conduta. Quis continuar seu exercício de pastor, o qual, apartando-o do comércio dos homens, lhe dava mais liberdade para conversar com Deus e não perdê-lo jamais de vista. Sua solidão o fazia cada dia mais interior, e o Espírito Santo, que o instruía, fazia-lhe admirar todos os dias as maravilhas e as perfeições do Criador em todas as suas criaturas.

Por mais obscuro que fosse o emprego e a habitação de Espiridião nos bosques, o resplendor de sua alta virtude não deixava de fazer-se admirar nos povoados. Não se falava em toda a ilha senão da santidade deste admirável pastor, quando Maximino, apelidado Daia ou Dácio, tendo sido criado César com Severo no ano 304 e tendo-lhe cabido na partilha o Oriente, começou a exercer contra os Cristãos crueldades nunca ouvidas. A reputação de Espiridião estava demasiado estendida por todo o país para não ser delatado aos ministros de Maximino como um dos mais célebres cristãos que havia na ilha de Chipre. Com efeito, foi preso e condenado às minas, depois de lhe haver tirado o olho direito e desjarretado o nervo da curva esquerda. O santo Confessor, saltando de gozo por haver sido encontrado digno de padecer por Jesus Cristo, foi ao lugar de seu desterro e trabalhou nas minas até a morte do tirano, que sucedeu pelo ano 313. Tendo cessado a perseguição pela morte de Maximino, voltou Santo Espiridião à ilha de Chipre e gozou da paz que deu à Igreja o reinado do grande Constantino.

Como o amor a sua querida solidão se havia feito mais vivo e mais ardente depois de sua gloriosa confissão da fé, voltou Santo Espiridião a seu primeiro exercício de pastor e à obscuridade de seu

primeiro retiro. Mas não tardou Deus em manifestar com prodígios a eminente santidade de seu servo. Conta Sozomeno que, tendo entrado uma noite em sua cabana uns ladrões, sentiram-se detidos por uma mão invisível e como presos com cordéis que não os deixavam escapar. Tendo ido pela manhã Santo Espiridião, segundo costume, a apascentar seu gado, encontrou-os ainda suspensos e imóveis; e eles, envergonhados de ver-se apanhados nesta postura, confessaram-lhe sua má intenção. O Santo compadeceu-se deles, pôs-se em oração e, tendo conseguido desatá-los, deu-lhes um carneiro, acrescentando com graça que queria pagar-lhes a pena que haviam tido em guardar seu gado durante a noite: ao despedi-los disse-lhes que teriam feito melhor se lhe tivessem pedido o que necessitavam do que tomá-lo por sua mão; e depois de lhes haver feito uma reconvenção cheia de doçura e caridade sobre a vida que levavam, deixou-os que se fossem em paz.

Nosso Santo crescia todos os dias em virtude, e sua virtude se fazia admirar cada dia mais: quando, enquanto ele se ocupava em apascentar as ovelhas, escolheu-o Deus como a outro Moisés para condutor de seu povo. Tendo morrido o bispo de Trimitunte na ilha de Chipre, o clero e o povo clamaram, sem dúvida por inspiração, que queriam todos por bispo a Espiridião. Estava viúvo havia muitos anos, e sua vida teria podido servir de modelo aos mais santos religiosos e aos mais perfeitos anacoretas. Uma eleição que tinha tantos sinais de ser de Deus não achou oposição senão da parte do Santo. Representou sua pouca capacidade, sua simplicidade e sua pouca habilidade para encarregar-se do cuidado de uma igreja. Tudo se desprezou, e depois de haver recebido todas as ordens sagradas, foi consagrado bispo com universal aplauso. Sua conduta, cheia de prudência e de piedade, justificou muito logo uma tão santa eleição. Ainda que a simplicidade parecia ser o caráter particular de todas as suas ações, era uma simplicidade acompanhada sempre de prudência, uma simplicidade que lhe fazia familiar a comunicação com Deus e que o fazia caminhar com segurança: ainda que não tinha letras nem parecia haver estudado as ciências humanas, não deixava de estar muito instruído nas santas Escrituras; e parecia haver sido instruído pelo Espírito Santo, segundo possuía a ciência da Religião e segundo a exatidão com que observava e fazia observar as tradições eclesiásticas.

Achando-se um dia numa junta dos bispos de Chipre, um deles, chamado Trifílio, bispo de Ledra, homem eloquente e de grande literatura, foi encarregado de pregar ao povo na missa: tendo que citar a passagem do Evangelho em que Jesus Cristo disse ao paralítico que se levantasse e tomasse seu leito, serviu-se de outra expressão grega como mais nobre. Santo Espiridião não pôde sofrer aquela falsa delicadeza e, levantando-se com uma espécie de indignação, representou ao pregador com humildade que ele não era mais hábil que aquele que havia dito *tolle grabatum*, para que quisesse usar em lugar de *grabatum* da palavra *lectum*. Aplaudiu-se seu zelo e conheceram todos o respeito com que se devem olhar todas as palavras da sagrada Escritura.

Jamais se viu mais doçura, mais caridade, mais zelo num pastor: todo o mundo o respeitava como a um varão de Deus, todos o olhavam como a seu pai. Não houve pobre em toda a sua diocese que, por dizê-lo assim, não fosse mais rico que ele, pois tudo o que tinha o dava aos pobres. Havia tido de seu matrimônio uma filha, chamada Irene, que havia consagrado a Deus sua virgindade; a qual vivia com ele e o servia, fazendo profissão de uma virtude muito exemplar. Tendo morrido esta filha antes que ele, uma particular veio pedir-lhe um depósito que havia entregado a sua filha sem notícia do pai. Tendo buscado Santo Espiridião por toda a casa o depósito e não o tendo

encontrado, foi com o dono ao sepulcro de sua filha; e, na presença de muita gente que o havia acompanhado, chamou-a por seu nome e perguntou-lhe onde havia posto o depósito que lhe pedia aquela mulher. E dizendo a defunta, em voz inteligível a todos, o lugar onde o havia posto, o Santo disse: Descansa em paz, filha minha, até que o Senhor te ressuscite.

Os milagres acompanhavam todas as suas ações e se multiplicavam a cada passo. Saindo um dia de sua casa para ir à igreja, pôs-se-lhe diante uma mulher jovem, estrangeira, que levava um filho morto entre seus braços; e já seja que a dor a impedisse de explicar-se, seja que ignorasse a língua do país, não fez outra coisa que pôr seu filho aos pés do Santo, não falando senão com gemidos, soluços e lágrimas. O santo Bispo conheceu facilmente o que esta mulher desconsolada queria; e movido a compaixão, suplicou a Deus que consolasse aquela mulher, e no mesmo instante ressuscitou o menino, o que causou na mãe um gozo tão excessivo que morreu ali mesmo, e foi necessário que o Santo fizesse outro milagre para dar a mãe ao filho, assim como havia dado antes o filho à mãe.

Fazia sempre a pé a visita de sua diocese, sem séquito, sem fausto, sem bagagem: sua pobreza e sua simplicidade em nada derrogavam a seu caráter; sua santidade o fazia em todas as partes mais respeitável; e com efeito não se via bispo mais respeitado, confirmando Deus todos os dias com novos milagres a veneração que lhe tinham. Tendo sido caluniado um amigo seu, que estava já para ser condenado ao último suplício, neste conflito escreveu ao Santo rogando-lhe que viesse vê-lo: o Santo tomou logo seu caminho; mas, achando-se detido por um arroio, fez o sinal da cruz sobre as águas, as quais, tendo-se separado, lhe deixaram livre a passagem e ficaram detidas até que chegou à outra margem.

Tendo sido convocado em seu tempo o primeiro concílio geral de Niceia, assistiu a ele nosso santo Bispo e aumentou o número de tantos ilustres Confessores como faziam a maior parte deste concílio. Uma junta de tão sábios e tão santos prelados atraiu muitas gentes, e sobretudo muitos sofistas e filósofos pagãos, muito versados na dialética, os quais pediram que os deixassem conferenciar com os bispos, esperando embrulhá-los com suas sutilezas e vingar com esta pretensa vitória o dano que a religião cristã havia feito ao paganismo. Um dos mais ousados e mais hábeis destes filósofos se apresentou e deu logo provas de sua suficiência. Ainda que entre os bispos se encontravam muitos homens sábios e exercitados também na arte da disputa, nenhum pôde chegar a convencê-lo e fechar a boca a este sofista insolente, o qual por sua artificiosa loquacidade e por seus sofismas eludia as mais fortes razões e, com tom e ademã de triunfo, parecia insultar os bispos. Não podendo sofrer Santo Espiridião a arrogância do filósofo pagão, que zombava dos defensores da verdade com fausto e altanaria, levanta-se de sua cadeira e pede aos prelados da assembleia que lhe deem licença para falar. Por mais alta que fosse a ideia que se tinha de sua piedade, como não era tido por sábio, seu pedido fez rir a muitos; os mais sábios chegaram a envergonhar-se, parecendo-lhes que a simplicidade do bom velho havia de dar aos inimigos da Religião alguma vantagem sobre os Cristãos: contudo, o respeito que se tinha a sua idade e a sua santidade fez que ninguém se atrevesse a embaraçar-lhe que falasse. O filósofo, fero como outro Golias, recebeu-o como a um menino que ainda não sabe articular as palavras. Tendo-se o Santo aproximado dele, disse-lhe com um tom grave e majestoso: «Ouve, filósofo, em nome de Jesus Cristo, e aprende a verdade: Não há mais que um só Deus, criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis; que fez tudo pela virtude de seu Verbo e que afirmou tudo pela

santidade de seu Espírito. Este Verbo, a quem nós chamamos o Filho de Deus, teve compaixão dos desvarios e misérias dos homens e quis encarnar e nascer de uma Virgem, conversar entre os homens como um deles, morrer por eles, ressuscitar para abrir-lhes e aplainar-lhes o caminho de uma vida eterna.

«No fim dos tempos virá julgar todos os homens para premiá-los ou castigá-los segundo o bem ou o mal que houverem feito. Eis aqui, filósofo, o que nós cremos sem curiosidade e sem ostentação. Agora, pois, sem atormentar-te inutilmente em buscar razões contra o que acabo de dizer-te nem examinar o que nem tu nem eu somos capazes de compreender, responde-me somente se o crês; isto é somente o que te peço.» O filósofo, que o havia estado escutando atentamente e com respeito todo o tempo que havia falado, disse em voz alta que o cria; e não pôde responder outra coisa. «Se crês estas verdades, replicou o santo Bispo, vem comigo à igreja e recebe o sinal e o selo desta fé.» Como se havia levantado um grande ruído em toda a sala, que estava cheia de uma tropa inumerável de gentes, excitado pelo pasmo dos uns e pela admiração dos outros, o filósofo, que se havia posto em ademã de segui-lo, voltando-se para a gente, exclamou: «Ouvi-me, os que fazeis profissão de sábios: enquanto se disputou comigo com palavras, respondi com palavras e empreguei a arte do raciocínio para refutar os raciocínios que se empregaram contra mim; mas quando às palavras se fez suceder uma força inteiramente divina, as palavras humanas não puderam sustentar esta força, e o homem não pôde resistir a Deus. Senti vós esta virtude sobrenatural, e vos rendereis facilmente à verdade, crereis em Jesus Cristo como eu creio e seguireis como eu a este santo Bispo por quem Deus falou.» Este filósofo, a quem alguns chamam Eusébio, depois de haver dado mil graças ao Santo por havê-lo convencido e convertido, foi atrás dele e recebeu o Batismo no mesmo dia.

Um sucesso tão maravilhoso deu um novo lustre à virtude de nosso Santo e fez célebre seu nome em todo o império. Santo Espiridião assistiu ainda muitos anos depois ao concílio de Sárdica, onde a fé de Niceia foi confirmada e absolvido Santo Atanásio. Tendo caído enfermo o imperador Constâncio, que havia sucedido ao grande Constantino, seu pai, e estando desenganado dos médicos, recorreu à valia que tinha nosso Santo com Deus e fê-lo vir a Antioquia apesar de sua avançada idade. Tendo-se apresentado à porta do palácio com uma bagagem muito pobre, foi despedido com desprezo, e até se diz que lhe deram uma bofetada e que, tendo apresentado a outra face, este ato de humildade do venerável velho deu tal golpe ao guarda que o fez arrepender-se e pedir-lhe perdão de seu arrebatamento. Tendo entrado, orou a Deus pela saúde do Imperador, o qual sarou milagrosamente, o que aumentou a veneração ao Santo na cidade e no palácio.

Santo Espiridião voltou a sua igreja, onde teve revelação do dia de sua morte; mas não teve muito que fazer para dispor-se a ter uma morte santa e preciosa, pois sua longa vida não havia sido outra coisa que uma contínua preparação para a morte. Morreu, enfim, cheio de dias e de merecimentos, a 12 de dezembro, segundo o Menológio dos gregos, que celebram ainda sua festa com grande solenidade e a põem entre as de primeira classe e de primeira obrigação.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Nicásio, e a oração é a que segue:

> **Latim:** *Deus, qui nos beati Nicasii, martyris tui atque pontificis, annua solemnitate lætificas: concede propitius; ut cujus natalitia colimus, de ejusdem etiam protectione gaudeamus. Per Dominum nostrum Jesum Christum.*

Português: Ó Deus, que cada ano nos alegrais com a festividade de vosso bem-aventurado mártir e pontífice São Nicásio, concedei-nos benigno que mereçamos a proteção daquele cuja memória celebramos. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 1 da segunda carta do apóstolo São Paulo aos Coríntios.

2 Coríntios 1,3-7

> **Latim:** [3] Benedictus Deus et Pater Domini nostri Jesu Christi, Pater misericordiarum, et Deus totius consolationis, [4] qui consolatur nos in omni tribulatione nostra : ut possimus et ipsi consolari eos qui in omni pressura sunt, per exhortationem, qua exhortamur et ipsi a Deo. [5] Quoniam sicut abundant passiones Christi in nobis : ita et per Christum abundat consolatio nostra. [6] Sive autem tribulamur pro vestra exhortatione et salute, sive consolamur pro vestra consolatione, sive exhortamur pro vestra exhortatione et salute, quæ operatur tolerantiam earumdem passionum, quas et nos patimur : [7] ut spes nostra firma sit pro vobis : scientes quod sicut socii passionum estis, sic eritis et consolationis.

Português: [3] Bemdito seja o Deos, e Pai de nosso Senhor Jesu Christo, Pai de misericordias, e Deos de toda a consolação, [4] o qual nos consola em toda a nossa tribulação: para que possamos tambem nós mesmos consolar aos que estão em toda a angústia, pelo conforto, com que tambem nós somos confortados de Deos. [5] Porque á medida que em nós crescem as penas de Christo: crescem tambem por Christo as nossas consolações. [6] Porque se somos atribulados, para vossa exhortação he e salvação, se somos consolados, para vossa consolação he, se somos confortados, para vosso conforto he e salvação, a qual obra o sofrimento das mesmas afflictões, que nós tambem sofremos: [7] para que seja firme a nossa esperança por vós: estando certos, que assim como sois companheiros nas afflictões, assim o sereis tambem na consolação.

Reflexões

Bendito seja o Deus de toda consolação. Oh, e quão verdade é que só Deus é o Deus de toda consolação! Inutilmente se procura enganar, divertir e alegrar o coração com tudo o que lhe agrada: *Inquietum est cor meum, donec requiescat in te.* Sempre está acompanhada de amargura a mais requintada alegria quando não se tem a Deus por princípio: só Deus pode saciar e sossegar nosso coração: de todos os tempos e de todos os climas são fruto os cuidados e as inquietações: chorando nascemos, e chorando morreremos. Semeado está de espinhos o espaço que há entre o berço e a sepultura. Todos os frutos que leva a terra são verdes e amargos: só podem saber bem aos que têm estragado o paladar. Deus é unicamente o Deus de toda consolação, e assim não há que buscá-lo noutra parte, pois não há verdadeira doçura que não se derive deste manancial. Foi o homem criado para Deus; este é nosso único fim e toda a nossa felicidade. Aquele Senhor que a cada criatura assinalou seu fim e o centro de seu repouso, não é verossímil que só ao homem lhe negasse esta prerrogativa, especialmente havendo-lhe ele mesmo impresso uma ânsia extremada de ser ditoso, com impossibilidade de sê-lo neste mundo. Há mais de seis mil anos que todos os homens trabalham por ser felizes, e até agora nenhum pôde encontrar aquela felicidade plena e perfeita que cumule e fixe todos os seus desejos; sempre fica no coração um imenso vazio que não podem encher todos os objetos criados. Não nasceu para eles o homem, e assim não o podem satisfazer nem o podem consolar no lugar de seu desterro; é necessário que se eleve a Deus, e logo que toma este partido acha a paz, a suavidade e o consolo que não pode encontrar noutra parte. Coisa estranha! Buscar o consolo em meio das amarguras de que está inundada toda a terra. No mundo não há bem algum puro; todos estão misturados com as adversidades. São as cruzes hereditárias em todas as famílias; nem as mais opulentas são as mais felizes, nem as maiores as mais tranquilas. São muito contados os dias serenos; e passam-se poucos sem desgostos nem dissabores. Em vão se busca o consolo nos tesouros, nas festas, no jogo, nem nos espetáculos; essas diversões suspendem por alguns momentos nosso desassossego; mas só Deus é quem nos consola total e plenamente.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 16 de São Mateus.

Mateus 16,24-27

> **Latim:** [24] Tunc Jesus dixit discipulis suis : Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam, et sequatur me. [25] Qui enim voluerit animam suam salvam facere, perdet eam : qui autem perdiderit animam suam propter me, inveniet eam. [26] Quid enim prodest homini, si mundum universum lucretur, animæ vero suæ detrimentum patiatur ? aut quam dabit homo

> commutationem pro anima sua ? [27] Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis : et tunc reddet unicuique secundum opera ejus.

Português: [24] Então disse Jesus aos seus discípulos : Se algum quer vir após de mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me. [25] Porque o que quizer salvar a sua alma, perdella-ha: e o que perder a sua alma por amor de mim, achalla-ha. [26] Porque, de que aproveita ao homem ganhar todo o mundo, se vier a perder a sua alma? Ou que comutação fará o homem para recobrar a sua alma? [27] Porque o Filho do homem ha de vir na gloria de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada hum a paga segundo as suas obras.

Meditação

Das diversões das gentes do mundo

Primeiro ponto

Considera que nada causa mais admiração que a ânsia com que no mundo se solicitam as diversões, em meio de professar-se uma religião que nada prega tanto como a cruz e a mortificação. Os passatempos são hoje em dia colheita de todas as estações e de todas as idades. Já não se pergunta se convém a um cristão passar uma vida delicada, ociosa e divertida. Quantos cristãos olham hoje com certa espécie de lástima e têm por infelizes os que não se acham em estado de entregar-se à delicadeza, à ociosidade e às delícias? E em meio disso, esses mesmos cristãos que vivem desta sorte creem em nosso Evangelho; isto é, que ao mesmo tempo que vivem totalmente abandonados aos prazeres, estão prontos a derramar seu sangue para defender que não é vida cristã a delicada, a ociosa e a divertida, e que não pode ser discípulo de Jesus Cristo o que cada dia não leva sua cruz, mortificando-se todos os dias. Busca, imagina, se podes, outra contradição mais monstruosa. Contudo, esta é pontualmente a contradição que nos apresenta a licenciosa conduta da maior parte das gentes do mundo. E que se há de concluir de duas filosofias morais tão opostas? Mas qual será, meu Deus, o fim destas espantosas contradições? Divertimo-nos, diz-se, é verdade; mas que pecado é divertir-se? Que mal há nestas diversões? O retirar-se ao campo é para respirar, é para desafogar-nos um pouco das enfadonhas ocupações da cidade. O outono é o tempo mais oportuno para lograr a diversão da campina. Que pecado há nos jogos inocentes, na concorrência de quatro amigos e nas diversões de campo, em que se emprega com pouca interrupção o tempo que se vive na aldeia? Respondo com outra pergunta: e em que parte do Evangelho se lê que haja algum tempo na vida em que seja lícito entregar-se totalmente ao regalo, à diversão e aos passatempos com um inteiro esquecimento de Deus? Que mal se faz? E não será bastante mau não fazer coisa boa o que em todos os tempos e a todas as horas está obrigado a fazê-las; o que será irremissivelmente reprovado se não fez todas as que devia? Que mal se faz? Pois quê! Uma vida consumida em mil inutilidades, uma vida, por dizê-lo assim, embriagada na delicadeza e na ociosidade, será vida cristã? E se não o é, não será este um grande

mal? A alma sem a graça é uma terra seca sem água, que só pode produzir folhas sem fruto. A graça, os auxílios sem correspondência e sem boas obras, são talentos sepultados, dos quais contudo é preciso dar estreita e terrível conta. E de boa-fé, uma vida que a ocupam toda inteira, alternando entre si os negócios e as diversões, será muito oportuna para negociar com esses talentos de que o mundo faz tão pouco caso, não obstante serem de tanto valor? Contudo, esta é a vida da maior parte das gentes do mundo; mas qual será sua sorte!

Segundo ponto

Considera que as diversões do mundo são hoje os laços mais ordinários e os mais perigosos que arma o demônio à inocência. Bem se pode assegurar que nelas tudo está empeçonhado, não já com um veneno precipitado e violento, mas lento, dissimulado e quase imperceptível. Conversações, jogos, concorrências, espetáculos: tudo se faz mais temível pelo mesmo que parece menos suspeito, menos contagioso e menos maligno. Não são na verdade acessos violentos de uma impiedade descarada ou de uma declarada dissolução; porque o espírito do mundo que reina nelas não exerce um império tumultuoso e arrogante. Insinua-se na alma e no coração com muita doçura, dissimulado em modos cultos, desembaraçados e cortesãos. Tudo vai nivelado pela regra de uma urbanidade, de uma atenção e de um respeito que encanta. Guardam-se todos bem de preconizar o vício nem a irreligião em semelhantes teatros, contentando-se com celebrar certas pessoas pouco escrupulosas, louvando-se seu gênio sociável, sua docilidade, seu natural doce e aprazível, seu requintado gosto em divertir-se e em vestir-se. Se sai a conversação a virtude, sempre se a pinta com cores tristes e sombrias, sem esquecer-se de que saia também de quando em quando a divertir os circunstantes uma bufonada aguda, fina e alegre. Desta maneira se vai insinuando o veneno, que logo introduz no coração certo tédio ou certo desprezo da virtude, de maneira que se teria vergonha naquele concurso de passar por virtuoso, pois o nome só de devoto se reputaria por zombaria e não poucas vezes por agravo. Temeria alguém desacreditar-se fazendo-se ridículo, se em tais ocasiões se descuidasse em soltar alguma máxima cristã. E que efeito produz este ar pestilento e contagioso? Um desgosto quase necessário da devoção e uma delicadeza quase incurável. Sai-se destas conversações mundanas, destas profanas ou pouco cristãs concorrências, destas diversões pouco menos que gentílicas, com certo gosto a tudo o que é mundo, que pode passar por uma espécie de feitiço. Orações, devoções, exercícios piedosos, obrigações de cristão, tudo se faz impraticável, de tudo se foge. Debilita-se a fé e pouco a pouco se vai extinguindo o espírito do cristianismo. Justifiquem-se quanto se quiser estas habituais e perpétuas diversões; elas serão sempre o fatal escolho da piedade e não poucas vezes da inocência; apenas é possível ser longo tempo indevoto sem passar a dissoluto. E depois disto, perguntar-se-á friamente que mal há nestas diversões que se chamam honestas e decentes? Mas com que cara há valor para assegurar, por pouco conhecimento que se tenha do mundo, que esses espetáculos, famosa escola de todas as paixões e, se é lícito dizê-lo assim, quartel-general de todos os vícios, são honestos e inocentes; que não há mal nem inconveniente nessas conversações ternas e amorosas; nesses grupinhos em que o menor pecado que se comete costuma ser o de uma murmuração sangrenta, satírica e mordaz; nesses jogos em que a menor perda é a do dinheiro; nesses passatempos em que a desenfreada licença parece haver adquirido direito para não envergonhar-se de nada; nesses banquetes em que de ordinário reina a intemperança? Haverá valor para dizer que não há mal onde tudo é tentação, tudo contágio e, quando menos, tudo é

laços e perigos?

Ah, Senhor! Dignai-vos, por vossa infinita misericórdia, abrir-me os olhos da alma para que conheça todos estes riscos. Dignai-vos mover meu coração para que torne eficazes estas reflexões, pondo-as em prática. Isto está feito, meu Deus, isto está feito: jamais usarei de diversões que não sejam muito cristãs.

Jaculatórias

Diversões enganosas, para que intentareis fazer-me cair em vossos laços? (Ecl 11.)

Que alegria, que diversão posso ter eu vivendo rodeado de trevas? (Tb 5.)

Propósitos

1. Já se disse noutra parte, mas nunca estará de sobra repeti-lo, para destruir a falsa ideia que se tem no mundo de que a virtude exclui toda diversão e de que para salvar-se não é necessário fazer-se alguém anacoreta; já se disse, volto a dizer, que não se pretende proibir a todo gênero de pessoas toda sorte de diversões; podem havê-las muito inocentes, e com efeito as há muito lícitas. O fim é o que as deve regular. O ânimo aplicado longo tempo a coisas sérias pede algum desafogo, e o corpo fatigado com o contínuo trabalho necessita de descanso. As diversões podem distrair, mas não devem ocupar; usando-se com excesso, sempre são perniciosas. Nunca há de ser a paixão sua alma nem sua regra; para serem lícitas, sempre hão de ser cristãs. Sejas da condição que fores, nunca empregues nem todos, nem a maior parte dos dias festivos em jogar e em divertir-te. Não se pretende proibir aos oficiais nem às demais pessoas ocupadas nos dias de trabalho que nos de festa ocupem algumas horas numa honesta diversão; mas em todo caso vão adiante as obrigações do cristão, e seja respeitada a santidade de tais dias.

2. Pelo que toca às gentes de conveniências, para as quais todos os dias da semana são tão desocupados como os de festa, é coisa indigna que, se pensam em algum dia de diversão, o reservem para estes ou para algum domingo. Procura evitar este abuso.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:55:55 by Admin
Updated 20 November 2026 20:55:55 by Admin